

PICHAÇÃO COMO CONTRACULTURA: UMA ANALOGIA COM A ARTE RUPESTRE, DESMISTIFICANDO A IDENTIDADE ATRIBUÍDA

Isac Rocha¹

Euller Sanches Ferreira²

José Wesley Ferreira³

Resumo:

Neste resumo aborda-se a Pichação como uma contracultura e uma forma de manifestação do ser humano, onde o mesmo, expressa o seu próprio cotidiano. O objetivo é compreender como essa arte de rua pode ser oriunda de uma expressão humana que, teve seu início nos primórdios quando a arte expressava atividades cotidianas como a caça. Hoje a pichação expressa a realidade desigual, o racismo, a violência estrutural, a homofobia, o machismo e diversos outros preconceitos e discriminações. Sendo assim a Pichação é uma atividade com grandes influências nos meios urbanos, pois ela deixa nítida a “revolta popular” daqueles que vivem seu dia a dia em constantes negligências estatais. A metodologia trata-se de revisões bibliográficas que apontam temáticas que subsidiam o estudo apresentado. As bibliografias utilizadas tratam da pichação, da arte e da estética fundamentando as discussões sobre a pichação como uma expressão artística de contracultura que evidencia resistência das classes populares. A temática proposta se evidencia por um contexto sócio histórico, sendo uma forma de resistência, que manifesta a questão social presente no Modo De Produção Capitalista, neste sistema a riqueza socialmente produzida é monopolizada pela classe dominante, porém, quem a produz é a trabalhadora. Este monopólio resulta em diversas desigualdades sociais, tais como a pobreza extrema, a fome, a violência estrutural. Assim como diversos preconceitos, a exemplificar, homofobia, xenofobia, racismo e o feminicídio nas periferias e comunidades carentes, questões essas que são institucionais no contexto brasileiro. Sendo assim, o tema expressa a identidade marginalizada das classes populares, pois é uma atividade remanescente da juventude periférica e que tem um valor semântico para os mesmos. Em suma, a importância do estudo é para que se possa desmitificar a identidade atribuída à pichação, a qual possui um caráter preconceituoso, mas que acima de tudo, representa a estética de uma classe social, que através de intervenções artísticas presentes nos grandes edifícios e muros das cidades, demonstram as lutas e resistências para ocuparem espaços nessa sociedade desigual. Podendo então ganhar visibilidade para que essa contracultura tenha uma visão positiva e de criticidade radical, não sendo uma destruição de patrimônio, mas uma ressignificação intelectual das pessoas que vivem à margem da sociedade.

Palavras-chave: Pichação, Contracultura, Resistência

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

**PICHAÇÃO COMO CONTRACULTURA: UMA ANALOGIA COM A ARTE RUPESTRE,
DESMISTIFICANDO A IDENTIDADE ATRIBUÍDA**

¹ Aluno de graduação. isacaraujorochoa@gmail.com. Autor principal

² estudante. euller389@gmail.com. Co-autor

³ Docente. josewesleyferreira@yahoo.com.br. Orientador

PICHAÇÃO COMO CONTRACULTURA: UMA ANALOGIA COM A ARTE RUPESTRE, DESMISTIFICANDO A IDENTIDADE ATRIBUÍDA

1 INTRODUÇÃO

Neste resumo aborda-se a Pichação¹ como uma contracultura e uma forma de manifestação do ser humano, onde o mesmo, expressa o seu próprio cotidiano. O objetivo é compreender como essa arte de rua pode ser oriunda de uma expressão humana que, teve seu início nos primórdios quando a arte expressava atividades cotidianas como a caça. Hoje a pichação expressa a realidade desigual, o racismo, a violência estrutural, a homofobia, o machismo e diversos outros preconceitos e discriminações. Sendo assim a *Pichação* é uma atividade com grandes influências nos meios urbanos, pois ela deixa nítida a “revolta popular” daqueles que vivem seu dia a dia em constantes negligências estatais.

Esse movimento não está ligado à estética dominante, pois para Boal (2009):

A Estética não é uma ciência do Belo, como se costuma dizer, mas sim a ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade. É a organização sensível do caos em que vivemos, solitários e gregários, tentando construir uma sociedade menos antropofágica (BOAL, 2009, p.31)

A pichação não se encaixa os padrões estéticos dominantes, pois ela expressa a forma como esses sujeitos expressam o caos em que vivem, por isso, ela sofre criminalização e é uma expressão artística que, às vezes, é marginalizada. No entanto, a pichação é importante para os jovens periféricos que através dos muros e prédios expressam as contradições que as sociedades vivem por conta de um sistema vigente e fortemente autoritário, que criminaliza através dos aparelhos ideológicos da superestrutura, uma parcela da sociedade.

2 METODOLOGIA

A metodologia trata-se de revisões bibliografias que apontam temáticas que subsidiam o estudo apresentado. As bibliografias utilizadas tratam da pichação, da arte e da estética fundamentando as discussões sobre a pichação como uma expressão artística de contracultura que evidencia resistência das classes populares

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A Pichação é uma contracultura de dimensão social, política e cultural. Segundo Pereira (2009) contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial, sendo uma oposição à cultura convencional, de crítica radical. Entende-se que a contracultura surge do confronto entre duas classes sociais, pois algumas pessoas são negligenciadas e outras injustiçadas pelo Modo de Produção Capitalista. A contracultura expressa a indignação com a ordem vigente e, a própria experiência com a realidade do indivíduo, através de manifestação de cultura com características radical. Tais expressões de contracultura são vistas nos grandes centros urbanos, principalmente através das pichações em muros, edifícios sofisticados e patrimônios públicos. Conforme explica Pereira (2009) as contraculturas perpassam diferentes em épocas, períodos e situações, porém costumam ter um papel fortemente ligado a uma crítica social.

¹ Pichação é o ato de escrever ou rabiscar sobre muros, fachadas de edificações, asfalto de ruas ou monumentos, usando tinta em spray aerosol, dificilmente removível, estêncil ou mesmo rolo de tinta (ENDO, 2009 p.7).

Compreende-se que as formas de expressão de contracultura têm caráter de manifestação social, política e até mesmo educacional, onde jovens tentam ganhar visibilidade mediante palavras de ordem que criticam a forma como se organiza a sociedade, e também através de códigos e, simbologia de determinados grupos de diversas regiões que se comunicam pelos muros e prédios das grandes cidades.

De acordo com (ENDO, 2009) podemos pensar essa forma de expressão como uma atividade pertencente ao ser humano desde o princípio das sociedades, pois desde a época da caverna por volta de 10 mil a.C, o ser humano já demarcava nas cavernas o cotidiano que vivia, e o que caçava, através de símbolos e códigos cifrados, baseados principalmente nas pinturas, desenhos ou representações artísticas gravadas nas paredes e tetos das cavernas, essas pinturas que impressionavam pelo realismo e também pelos pontos vitais de animais marcados por flechas, por um grupo social específico. Isso resultou na sua preservação por milênios, com isso tanto a arte rupestre quanto as pichações, são exteriorização natural do próprio intelecto, evidenciadas em diferentes épocas, sendo manifestações visuais distintas. As características dessas manifestações não é a contemplação estética do belo, e sim a ciência da comunicação que está ligado a transmissão de mensagens e códigos cifrados para os que fazem parte do mesmo grupo social e de determinadas culturas.

As pichações se evidenciam por um contexto sócio histórico, sendo uma forma de resistência, que manifesta a questão social presente no Modo De Produção Capitalista, neste sistema a riqueza socialmente produzida é monopolizada pela classe dominante, porém, quem a produz é a trabalhadora. Este monopólio resulta em diversas desigualdades sociais, tais como a pobreza extrema, a fome, a violência estrutural. Assim como diversos preconceitos, a exemplificar, homofobia, xenofobia, racismo e o feminicídio nas periferias e comunidades carentes, questões essas que são institucionais no contexto brasileiro. Sendo assim, a *pichação* expressa a identidade marginalizada das classes populares, pois é uma atividade remanescente da juventude periférica e que tem um valor semântico para os mesmos.

Sobre esta organização da sociedade a acumulação da riqueza fica concentrada na classe capitalista.

A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio de seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazarentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. Essa é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista (MARX, 2013, p. 875).

Desta forma, a lógica estabelecida pelo capital de acumulação de riqueza faz com que a classe subalterna seja sempre a maioria, sendo cada vez mais injustiçada e explorada, vivendo em condições de extrema pobreza, conseqüentemente, exclusão social. Geralmente as pessoas que compõem esse grupo subalterno são quem exercem o ato de pichar, que acabam por ser marginalizadas e criminalizadas pelos aparelhos repressores do Estado, que penalizam jovens através de leis do Código Penal. Partindo de uma concepção equivocada, onde o ato de pichar é visto como algo que não corresponde aos padrões estéticos esperados, tendo uma característica radical que foge dos protótipos hegemônicos. Entretanto o ato de pichar trata-se de uma expressão libertária, que tem princípios contra culturais, porém acaba sendo excluído das grandes galerias de arte moderna, sendo então exibidas nas ruas, edifícios, prédios e muros das grandes capitais. Portanto essa arte tem uma interpretação a qual se utiliza como um instrumento de denúncia contra as desigualdades sociais vivenciadas por esses sujeitos, muitas vezes jovens periféricos.

De acordo com Pereira (2005) com toda à fragmentação da metrópole, as redes sociais criadas entre pichadores originários de bairros distantes do centro da cidade, podem ser interpretadas como elemento de autoajuda, subvertendo a segregação socioespacial, que exercita uma forte influência na vida cotidiana, especialmente, nos pertencentes às classes populares.

Contudo, percebe-se que todo o preconceito e a exclusão dessa atividade nos meios culturais e midiáticos estão diretamente ligados a uma criminalização, oriunda de interesses econômicos e políticos da ideologia dominante. Diante disso, compreende-se que as instituições e sujeitos que reproduzem esses preconceitos não possuem uma visão que contempla as demandas sociais da classe que encontra-se em estado de vulnerabilidade socioeconômica. As classes dominadas transmitem mensagens apresentadas por meio de códigos e palavras de ordem, onde esses jovens comunicam-se entre eles e com todos que vivem no mesmo contexto, os quais vem ocupando espaços e protestando a falta de oportunidade, na tentativa de romper com a lógica imposta pelo capitalismo com o manifesto do que se pensa e deseja através dos muros e paredes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão no que diz respeito a pichação como uma contracultura, traz reflexões importante para que os sujeitos a repensem como expressão artística. Esta comunicação é inerente aos seres humanos, desde os primórdios, e se manifesta de formas diversificadas no decorrer da história. Identifica-se que nos dias atuais, que a pichação, que se encontram principalmente nos grandes centros urbanos, decorre das diversas expressões da questão social. Porém a pichação acaba por ser criminalizada e marginalizada pelos aparelhos ideológicos da superestrutura, por não ter como intuito principal o padrão estético das artes contemporaneamente padronizadas. Sendo então, uma manifestação das classes menos favorecidas que vem sendo negligenciadas durante anos por conta de um sistema capitalista selvagem.

A importância do estudo é para que se possa desmitificar a identidade atribuída à pichação, a qual possui um caráter preconceituoso, mas que acima de tudo, representa a estética de uma classe social, que através de intervenções artísticas presentes nos grandes edifícios e muros das cidades, demonstram as lutas e resistências para ocuparem espaços nessa sociedade desigual. Podendo então ganhar visibilidade para que essa contracultura tenha uma visão positiva e de criticidade radical, não sendo uma destruição de patrimônio, mas uma ressignificação intelectual das pessoas que vivem à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS

BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 254p.

ENDO, T. S. A pintura rupestre da pré-história e o grafite dos novos tempos. 2009. Disponível em: <http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/215-690-1-PB.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

MARX, K. **O capital: crítica de economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. 1493p.

PEREIRA, C A M. **O que é Contracultura**. 8. Ed. Brasiliense, 2005. 47p.